

Nota Explicativa

O texto que ora se apresenta ao público do *Lysis* corresponde às Cartas XXI e XXII da Parte III de *A Nova Heloísa ou Cartas de Dous Amantes, Residentes n'uma Pequena Cidade Juncto aos Alpes* (tradução portuguesa oitocentista de *Julie, ou la Nouvelle Héloïse. Lettres de deux amants, habitants d'une petite ville au pied des Alpes*), recolhidas e publicadas por Jean-Jacques Rousseau, em tradução de C. P. da Camara, Tomo Primeiro, impressa em Paris, em casa de J. P. Aillaud, Quai Voltaire, 11, no ano de 1837, “ornada com treze bellas estampas”, como diz se lê naquela edição.

A presente transcrição segue rigorosamente essa edição oitocentista, conservando a grafia antiga (ex.: *soffrer, Deos, caza, philosopho, innocencia*), acentuação e formas vocabulares próprias do período e as particularidades linguísticas características da impressão do século XIX. Não se procedeu a qualquer modernização ortográfica, atualização estilística ou adaptação textual. O objetivo é oferecer ao leitor uma reprodução fiel do texto tal como circulava na referida edição.

As Cartas XXI e XXII situam-se num momento decisivo da Parte III da obra. Após a separação dos amantes e o agravamento das tensões morais que atravessam toda a narrativa, a Carta XXI apresenta o desespero do amante, que, tomado por conflito interior e desalento, chega a considerar a própria morte. A Carta XXII, em resposta, constitui uma das passagens moral e filosoficamente mais densas do romance: nela, My lord Eduardo refuta energicamente a tentação do suicídio, articulando argumentos de ordem moral, religiosa, cívica e filosófica. O diálogo epistolar, nesse ponto, ultrapassa o drama individual e assume dimensão universal, discutindo o sentido da vida, o dever social, a virtude e a responsabilidade perante Deus e a comunidade.

Prof. Alexandre H. Reis (Lysis/UFPEL)

CARTA XXI.¹

DO AMANTE DE JULIA A MYLORD EDUARDO.

Sim, mylord, é verdade a minha alma está opprimida fortemente com o peso da minha vida. Ha muito tempo que me é insupportavel: perdi tudo o que m’a podia tornar chara, só me restam os desgostos da vida. Mas diz-se-me que não me é permittido dispor d’ella sem ordem d’aquelle que m’a deu. Sei também que vos pertence por mais duma razão. Os vossos cuidados m’a salvaram duas vezes, e os

¹ Página 363, na edição 1837

vossos benefícios m'a conservam constantemente. Jamais disporei d'ella sem estar seguro de poder faze-lo sem crime, nem em quanto me durar a menor esperança de a poder empregar por vós.

Dizeis-me que eu vos era preciso; por que motivo me enganaveis? Desde que estamos em Londres, longe de ver que me façais occupar de vós, vós só vos occupais de mim. Que cuidados supérfluos que tomais! Mylord, vós o sabeis, detesto o crime ainda mais do que a vida: adoro o ser eterno: a vós devo tudo, amo-vos, e só a vós me acho ligado sobre a terra; a amizade, o dever podem escravizar n'ella um infeliz, pretextos e sophismas não a hão-de jamais reter. Esclarecei a minha razão, fallai ao meu coração: estou prompto a ouvir-vos; mas lembrai-vos que não é o desespero que se engana.

Desejais que se raciocine, eia pois raciocinemos. Quereis que se proporcione a deliberação á importância da questão de que se tracta, convenho. Procuremos pois a verdade com socego. Discutamos esta proposição geral como se se tractasse doutra questão. Robeck fez a apologia da morte voluntaria antes de se suicidar. Não quero fazer como elle um livro de tal natureza, e mesmo não me satisfaz muito o seu: mas espero imitar o seu sangue frio nesta questão.

Meditei muito tempo sobre este grave ponto. Deveis sabê-lo, pois que conheceis a minha sorte, e que estou ainda vivo. Quanto mais penso n'isto, mais me persuado de que a questão se reduz a esta proposição fundamental.— Procurar cada um o seu bem e fugir do mal sem offender a outrem é o dever da natureza.— Quando a nossa vida é um mal para nós, e não é um bem para ninguém, é muito licito a qualquer o desembaraçar-se d'ella.

Se ha no mundo uma maxima evidente e certa persuado-me que é esta, e se se viesse a ponto de a destruir não haveria acção humana que se não pudesse considerar como crime. Que dizem sobre isto os nossos sophistas? Primeiramente olham a vida como uma cousa que não é nossa, porque nos foi dada; mas é justamente porque ella nos foi dada que é nossa. Deos não lhes deo por ventura dois braços? Comtudo quando temem a gangrena fazem cortar um, e ambos mesmo se é preciso. A paridade é exacta para quem crê na immortalidade da alma; pois que se sacrifico o meu braço á minha vida, posso bem sacrificar a minha vida ao meu descanso e tranquillidade.

Se todos os dons que o ceo nos fez são naturalmente bens para nós, estão demasiado arriscados a mudar de natureza, e por isso accrescentou-lhes a razão para ajudar a discerni-los. Se esta regra nos não autoriza a escolher um e rejeitar outros, qual será o uso da razão entre os homens? Esta objecção tão pouco solida, viram-na de mil maneiras. Consideram o homem vivo sobre a terra como um soldado posto em sentinella. Deos, dizem elles, te collocou no mundo; porque motivo saís tu sem que elle t'o mande? Mas a ti mesmo te collocou na tua terra, e

por que motivo saís d'ella sem permissão? Mas não está por ventura a permissão no desgosto que se experimenta? Em qualquer lugar que elle me aloje, seja num corpo ou sobre a terra, é para lá ficar em quanto me achar bem, para sair logo que me ache mal. Eis-ahi a voz da natureza e a voz de Deos.

É preciso esperar a ordem, convenho; mas quando morro naturalmente, Deos não me ordena de largar a vida, tira-m'a; é tornando-m'a insupportavel que me ordena de a largar. No primeiro caso resisto com todas as minhas forças, no segundo tenho o mérito de lhe obedecer.

Podeis imaginar que hajam cabeças tão injustas que taxem a morte voluntaria de rebellião contra a providencia, como se quizessem escapar ás suas leis com taes raciocínios? Não é para as evitar que se cessa de viver, é para as executar. Como! Deos só tem poder sobre o meu corpo? Ha por ventura algum lugar no universo onde algum ser existente não esteja debaixo da sua mão, e obrará elle menos sobre mim quando a minha substancia purificada formará mais simples unidade do que juncta ao corpo e mais se assemelhará á sua substancia? Não, a sua justiça, a sua bondade sustentam a minha esperança, e se acaso julgasse que a morte podia subtrahir-me ao seu poder, nunca quereria morrer.

É um dos sophismas de Phedon, cheio com tudo de verdades sublimes. Se o teu escravo se matasse, diz Sócrates a Cebes, não o castigarias, se te fosse possivel, por te ter privado injustamente do teu haver? Pobre Sócrates, que é o que nos dizes? Acaso se deixa de pertencer a Deos depois de morto? Não é isso de forma nenhuma. Devia-se dizer: se carregas o teu escravo com um vestuário que o opprime no serviço que te deve, castiga-lo-bas por ter largado este vestuário que o embaraça?

O grande erro é de dar demasiada importância á vida, como se o nosso ser dependesse d'ella, e como se depois nada mais existisse para nós. A nossa vida não é nada aos olhos de Deos; não é nada aos olhos da razão, nada deve ser aos nossos proprios olhos, e quando largamos o corpo, não fazemos mais do que despir um vestuário incommodo. Vale pois isto a pena de fazer tanta bulha?

Mylord, estes declamadores não estão de boa fé. Absurdos e cruéis nos seus raciocínios, aggravem o pretendido crime como se se perdesse a existência, e castigam-no como se sempre se existisse. Quanto a Phedon, que lhes forneceu o unico argumento especioso que empregaram, esta questão é tractada por elle muito levemente e como de passagem. Sócrates, condemnado por um juizo iniquo a perder a vida em algumas horas, não teve necessidade d'examinar attentamente se lhe era ou não permittido dispor d'ella. Suppondo que tivesse realmente sustentado o discurso que lhe attribue Platão, accreditaí-me, mylord, te-lo-hia meditado com mais cuidado na occasião de o pôr em pratica; e a prova que se não pode tirar d'esta obra immortal nenhuma objecção boa contra o direito de dispor da

própria vida é que Catão leu-o duas vezes do principio ao fim na noite mesmo em que largou a terra.

Estes mesmos sophistas perguntam se a vida pode jamais ser um mal? Considerando a immensidade d'erros, de tormentos e vícios de que ella está cheia, ver-se-hia uma pessoa muito mais tentada a perguntar se jamais a vida foi um bem. O crime sitia constantemente o homem o mais virtuoso; cada instante da sua vida está prestes a ser presa do mesmo malvado. Combater e soffrer, eis o seu destino neste mundo. Obrar mal e soffrer, eis o destino do homem sem honra. Em tudo o mais elles são differentes; e só tem em commum as misérias da vida.

Se vos fossem precisas autoridades e factos, citar-vos-ia oráculos, respostas dos sábios, actos de virtude recompensados com a morte. Deixemos tudo isso, mylord, é a vós que eu fallo, e vos pergunto qual é no mundo a principal occupação do sapiente, se não é de se concentrar, por assim dizer, no fundo da sua alma e de se esforçar por estar morto em quanto vivo.

O unico meio que a razão tem encontrado para nos evitar os males da vida, não é por acaso de nos desafferrar dos objectos mundanos, e de tudo o que ha de mortal em nós, de nos fazer recolher em nós mesmos, de nos elevar ás contemplações sublimes? E se acaso as nossas paixões e os nossos erros nos geram infortúnios, com que ardor devemos suspirar por um estado que nos livre dos erros e paixões?

Que fazem esses homens sensuaes que multiplicam tão indiscretamente as suas dores, a sua existência á força de a prolongarem sobre a terra? aggravem o peso das suas cadeias pelo numero dos seus laços, não tem gozos que lhes não preparem mil amargas privações; quanto mais gozam, mais soffrem, mais se enterram na vida, mais desgraçados se fazem.

Mas se, em geral, se pretende ser um bem para o homem rastejar tristemente sobre a terra, sem difficuldade convirei; comtudo não digo que todo o genero humano deva sacrificar-se de commum accordo e fazer do mundo um vasto tumulto. Ha, sem duvida, infelizes demasiado privilegiados para seguirem a estrada commum, e para quem o desespero e a dor amarga são o passaporte da natureza. É para esses que seria tão insensato julgar que as suas vidas são um bem como era para o sophista Possidonio, atormentado da gotta, negar que ella fosse um mal.

Em quanto nos é agradável o viver, desejamos fortemente viver, e só os males extremos é que podem vencer em nós este desejo; pois que recebemos todos da natureza um grande horror contra a morte, e este horror disfarça aos nossos olhos as misérias da condição humana. Soffre-se muito tempo uma vida triste e dolorosa antes que cada um se resolva a larga-la; mas quando o fastio da vida vence este

horror, então a vida é evidentemente um grande mal, e nunca a gente se desembaraça d'ella demasiadamente cedo.

Apesar de que se não possa marcar o ponto em que a vida deixa de ser um bem, sabe-se ao menos mui positivamente que ella é um mal muito tempo antes que no-lo pareça; e em todo o homem sensato o direito da renuncia precede muito tempo o da tentação.

Ainda aqui não está tudo. Depois de ter negado que a vida possa ser um mal, para nos tirar o direito de nos desfazermos d'ella, dizem que é um mal para nos reprehender de não a havermos supportado. Segundo elles, é uma covardia evitar a dor e a pena por tal modo, e só poltrões é que se matam.

Ó Roma, conquistadora do mundo, que tropa de poltrões te deo o império! Que Arria, Eponina e Lucrecia sejam d'este numero, passe, eram mulheres. Mas Bruto, mas Cassio, e tu que participavas com os deoses dos respeitos da terra maravilhada, grande e divino Catão, tu cuja imagem augusta e sacra animava os Romanos num sancto zelo e fazia tremer os tyrannos, mal pensariam os teus feros admiradores que um dia, num canto sordido d'um collegio, vis rhetoricos provariam que não foste senão um covarde, por teres recusado ao crime feliz as honras da virtude em ferros.

Força e grandeza dos escriptores modernos, como sois sublimes, e que intrépidos são com a mão na penna! Mas dissei-me, bravo e valente heroe, que vos salvais tão valerosamente dum combate para supportar mais tempo os trabalhos da vida, quando um tição ardente cae sobre esta eloquente mão, por que a retinaiis tão de pressa? Que! Tendes a covardia de não soffrer o ardor do fogo? Nada vos obriga, dizeis vós, a supportar a braza; e a mim quem é que me obriga a supportar a vida? A geração d'um homem custou mais á Providencia que a de um feto? ambas não são por acaso a sua obra?

Sem duvida ha coragem em soffrer com constância os males que se não podem evitar; mas só um insensato é que soffre voluntariamente os males que pode evitar sem fazer mal algum, e é muitas vezes um mal muito grande soffrer o mal sem necessidade. Aquelle que não sabe desembaraçar-se d'uma vida dolorosa por uma morte prompta, parece-se com o que prefere deixar envenenar uma chaga ao submetter-se ao ferro salutar.

Vem, respeitável Parisot, corta-me esta perna que me faria morrer. Ver-te-hei operar sem a menor alteração, e deixar-me-hei tractar de covarde pelo bravo que vê cair a sua em podridão por não ousar soffrer a amputação.

Confesso que ha deveres a preencher para com os outros que não permittem a todo o homem dispor de si mesmo; mas em troca, quantos homens ha que dispõem de si sem consultar cousa alguma.

Que um magistrado de quem depende a salvação da patria, que um pai de familia que deve a subsistência a seus filhos, que um devedor insolvavel que arruinaria os seus credores, se entreguem ao seu dever aconteça o que acontecer; que mil outras relações civis e domesticas forcem um homem probo, mas infeliz, a supportar a desgraça de viver para evitar a desgraça ainda maior de ser injusto, é licito por isso, em casos mui differentes, conservar, á custa d'uma multidão de miseráveis, uma vida que não é util senão áquelle que não ousa morrer?

Mata-me, meu filho, diz o selvagem decrepito ao seu filho que o leva ás costas e verga com o peso; os inimigos estão acolá; vai combater com teus irmãos, vai salvar teus filhos, e não exponhas teu pai a cair nas mãos d'aquelles de quem elle devorou os parentes.

Quando a fome, os males, a miseria, inimigos domesticos peiores que os selvagens, permittissem a um desgraçado estropiado consumir na sua cama o pão d'uma familia que pode apenas ganhar para si; aquelle que não está ligado a cousa alguma, aquelle que o ceo reduz a viver só sobre a terra, aquelle cuja desgraçada existência não pode produzir bem algum, por que motivo não terá ao menos o direito de largar uma morada onde as suas queixas são importunas, e os seus males sem utilidade?

Pesai estas considerações, mylord; juntai todas estas rasões, e vereis que ellas se reduzem ao mais simples dos direitos da natureza que um homem sensato nunca poz em questão. Com effeito, por que motivo será licito curar-se a gente da gotta e não da vida? Uma e outra não nos vêm por ventura da mesma mão? Se é penoso morrer, isso não prova. As drogas fazem jamais prazer a engolir? Quantas pessoas ha que preferem a morte á medicina? Prova de que a natureza repugna a uma e outra.

Mostrem-me de que modo é permittido livrar-se dum mal passageiro tomando remedios, antes do que d'um mal incurável tirando-se a vida, e de que modo se é menos culpavel, se usando-se da quina para as febres ou do opio para a pedra.

Se olharmos para o objecto da cousa, um e outro meio servem de nos desembaraçar da molestia; se olharmos para os meios, ambos são naturaes; se olharmos á repugnancia, em ambos os casos ella existe; se olharmos para a vontade do Senhor, que mal combateremos que elle nos não tenha dado? A que dor poderemos nós fugir que nos não venha da sua mão? Quaes são os marcos que limitam o seu poder, e onde se pode legitimamente resistir?

Não nos será pois permittido mudar o estado de cousa alguma, porque tudo o que existe existe como o Creador o quiz? Será preciso nada fazer neste mundo

com medo de infringir as suas leis, e por mais que façamos podemos nós jamais infringi-las?

Não, mylord, a vocação do homem é maior e mais nobre. Deos não o animou para o pôr immovel em uma eterna quietação. Mas deu-lhe a liberdade para fazer o bem, a consciencia para o querer, e a razão para o escolher. Constituiu-o unico juiz das suas próprias acções. Escreveu no seu coração: faze o que te é salutar sem ser nocivo a ninguém. Se sinto que me é conveniente o morrer, resisto á sua ordem obstinando-me a viver; pois que fazendo-me a morte desejada, prescreve-me de a procurar.

Bomston, appello á vossa sapiência e á vossa candura, que maximas mais certas pode a razão deduzir da religião sobre a morte voluntaria? Se os christãos estabeleceram maximas oppostas, não as tiram nem dos princípios da sua religião, nem da sua regra unica, que é a Escritura, mas somente dos philosophos pagãos. Lactancio e Agostinho, que, primeiro que ninguém, avançaram esta doutrina, de que nem Jesus Christo nem os Apostolos tinham dito uma palavra, não se apoiaram senão sobre o raciocinio de Phedon que eu já combati; de sorte que os fieis que julgam seguir n'isto a autoridade do Evangelho não seguem senão a autoridade de Platão.

Com effeito onde é que se vê na Biblia inteira uma lei contra o suicidio, ou mesmo uma simples desaprovação, e não é por ventura bem estranho que, entre os exemplos das pessoas que se suicidaram, não se ache uma só palavra reprehensivel sobre algum dos taes exemplos?

Ainda ha mais; o exemplo de Sansão é autorizado por um prodigio que o vinga dos seus inimigos. Este milagre teria por acaso sido feito para justificar um crime, e este homem, que perdeu a sua força por se ter deixado seduzir por uma mulher, te-la-hia recuperado para commetter um crime authentico, como se Deos mesmo tivesse querido enganar os homens?

Não matarás, diz o Decalogo. Que se segue d'ahi? Se este mandamento deve ser tomado á letra, é preciso não matar nem os malfeitores, nem os inimigos; e Moysés que fez morrer tanta gente comprehendia muito mal o seu proprio preceito. Se ha algumas excepções, a primeira é de certo em favor da morte voluntaria, porque é isempta de violencia e d'injustiça, duas unicas considerações que podem tornar o homicidio crime, e que a natureza pôs alem d'isso um obstaculo sufficiente a esta acção repugnante.

Mas, dizem elles mais, soffrei com paciencia os males que Deos vos envia; tornai meritorias as vossas penas. Aplicar assim as maximas do christianismo é entender bem mal o seu espirito! O homem está sujeito a mil males, a sua vida é um tecido de miserias; e parece não nascer senão para soffrer. Destes males,

aquelles que elle pode evitar, a razão quer que os evite, e a religião, que nunca é contraria á razão, a approva. Mas quanto é pequena a somma d'estes males em comparação da somma d'aquelles que o homem deve soffrer contra a sua vontade!

São estes males que um Deos clemente permite aos homens de converter em merito; elle acceita como voluntaria homenagem o tributo forçado que nos impõe, e marca em desconto da outra vida a resignação que tomamos n'esta.

A verdadeira penitencia do homem está-lhe imposta pela natureza; se soffre com paciencia tudo o que é constrangido a soffrer, faz quanto Deos lhe pede, e se algum se mostra assaz orgulhoso para querer fazer mais do que isto, é um louco que se deve fechar, ou um velhaco que deve ser punido.

Fujamos pois sem escrupulo a todos os males que podemos evitar, ainda nos ficarão demasiados a soffrer. Desembaracemo-nos sem remorsos da mesma vida logo que for um mal para nós, visto que podemos faze-lo e que n'isto não offendemos nem a Deos nem aos homens.

Se é preciso um sacrificio ao ser supremo, não será nada o morrer; offereçamos a Deos a morte que nos impõe pela voz da razão, e lancemos com socego no seu seio a nossa alma que elle pede.

Taes são os preceitos geraes que o bom senso dicta a todos os homens, e que a religião autoriza.

Voltemos a nós mesmos. Dignastes abrir-me o vosso coração; conheço as vossas penas; não soffreis menos do que eu: os vossos males são sem remedio assim como os meus, e com tanto menos remedio que as leis da honra são mais immutaveis que as da fortuna. Vós supportais com coragem, eu o confesso. A virtude vos sustem; um passo mais e vos resgata. Animaes-me a soffrer; e eu, mylord, ousou excitar-vos a terminar os vossos soffrimentos, e vos deixo ajuizar qual de nós é mais charo ao outro.

Porque tardamos a dar um passo que sempre é preciso fazer? Esperaremos que a velhice e os annos nos liguem baixamente á vida depois de nos ter tirado os encantos d'ella, e que arrastemos com esforço, ignominia e dor um corpo enfermo e alquebrado? Estamos na idade em que o vigor da alma a despega facilmente dos obstaculos, e em que o homem sabe ainda morrer; mais tarde deixa-se arrancar a vida gemendo.

Aproveitemos um tempo em que o desgosto de viver nos faz a morte desejada; temamos que ella não venha com todos os seus horrores no momento em que já não estivermos dispostos a acceita-la.

Estou-me lembrando de que já houve um momento em que só pedia ao ceo uma hora, e em que teria morrido no desespero se a não tivesse obtido. Ah! quanto

nos custa a romper os nós que unem o coração á terra, e quanto é prudente largá-la quando elles se acham rotos.

Sinto, mylord, que ambos somos dignos d'uma habitação mais pura; a virtude nol-a mostra, e a sorte nos convida a procura-la. Façamos que a amizade que nos une nos una ainda na nossa ultima hora.

Oh! que voluptuosidade para dois amigos verdadeiros acabar os seus dias voluntariamente nos braços um do outro, confundir os seus ultimos suspiros, exhalar ao mesmo tempo as duas metades da sua alma! Que dor, que pezar pode envenenar os seus ultimos momentos? Que deixam elles saindo do mundo? Vão-se embora juntos e nada abandonam.

CARTA XXII — RESPOSTA²

Joven, um cego transporte te alucina; sê mais discreto, não aconselhes pedindo conselhos. Conheci outros males muito mais fortes do que os teus. Tenho a alma firme; sou Inglez, sei morrer, porque sei viver e soffrer como homem. Vi a morte de perto e olho-a com demasiada indifferença para a ir procurar. Fallemos de ti. É verdade, eras-me necessário; a minha alma tinha precisão da tua; os teus cuidados podiam ser-me uteis; a tua razão podia esclarecer-me no mais importante negocio da minha vida; se acaso me não sirvo d'ella de quem é a culpa? Aonde está essa tua razão? Que foi feito d'ella? Que podes fazer? De que serves tu neste mundo no estado em que te achas? Que serviços posso esperar de ti? Uma dor insensata torna-te estúpido e desapiedado. Não és homem, não és nada; e se acaso não olhasse para o que podes vir a ser, tal qual és não vejo nada mais baixo do que tu.

Não quero por prova senão a tua própria carta. Em outro tempo achava em ti o bom senso e a verdade. Os teus sentimentos eram rectos, e o teu pensar justo: não te amava só por gosto, mas por escolha, como um meio de mais para mim de cultivar a sabedoria. Que acho agora nos raciocinios d'esta carta com que pareces tão contente? Um miserável e perpetuo sophisma, que, no descaminho da tua razão, mostra o descaminho do teu coração, e que nem tomaria o trabalho d'examinar se não tivesse dó do teu delirio.

Para destruir tudo o que dizes com uma só palavra, só te quero perguntar uma cousa. Tu que crês na existência de Deos, na immortalidade da alma, na liberdade do homem, não pensas talvez que um ente intelligente receba um corpo e esteja collocado na terra por casualidade, só para viver, soffrer e morrer? Ha talvez para a vida humana uma mira, um fim, um objecto moral? Rogo-te me respondas

² Página 382, na edição de 1837.

claramente sobre este objecto; depois do que examinaremos ponto por ponto a tua carta e ver-te-has envergonhado de a ter escripto.

Mas deixemos as maximas geraes que tantas vezes se assoalham sem nunca se seguir nenhuma; pois que se encontra sempre na applicação alguma condição particular que muda de tal forma o estado das cousas que cada um se julga dispensado d'obedecer á regra que prescreve aos outros, e sabe-se bem que todo o homem que estabelece maximas geraes entende serem obrigatórias para todo o mundo excepto para elle. Mas voltemos ao proposito, fallemos de ti.

É-te pois permittido, segundo as tuas idéias, cessar de viver? A prova que dás é bastante singular, é porque tens desejo de morrer. Eis-ahi de certo um argumento muito commodo para os malvados; devem estar-te muito obrigados pelas armas que lhes forneces; já não hão-de haver prevaricações que elles não justifiquem pela tentação de as commetter; e uma vez que a violência da paixão vencer o horror do crime, no desejo que tiverem de fazer mal acharão o direito de o executar.

É-te pois permittido cessar de viver? Eu sempre quereria saber se já começaste a viver? Como! foste collocado sobre a terra para não fazer nada n'ella? O ceo não te impoz com a vida uma obrigação para a preencher? Se fizeste o teu trabalho jornalheiro antes que a noite chegue, descansa o resto do dia, podes fazelo; mas vejamos o teu trabalho. Que resposta tens prompta ao juiz supremo que te ha-de pedir conta do teu tempo? Falla, que dirás? Eu seduzi uma rapariga honesta; abandono um amigo nas suas magoas. Infeliz! acha-me esse justo que se gaba de ter vivido assaz, quero apprender d'elle como se deve ter vivido para se ter direito de largar a vida.

Innumeras os males da humanidade. Não coras de esgotar os logares commummente mil vezes rebatidos e dizes que a vida é um mal. Porém olha, busca na ordem das cousas se achas bens que não estejam misturados com males. Quererá isso dizer que não existe bem no universo, e podes confundir o que é máo por natureza com o que só é máo por accidente? Tu mesmo o disseste, a vida passiva do homem não é nada, e só diz respeito a um corpo de que em breve será libertado; mas a sua vida activa e moral, que deve influir em todo o seu ser e consiste no exercício da sua vontade, é um mal para o malvado que prospera, e um bem para o homem honrado e sem ventura; por quanto não é uma modificação passageira, mas a relação com o seu objecto que a torna boa ou má.

Quaes são enfim essas dores tão cruéis que te forçam a deixa-la? Cuidas que não tenho escrutado debaixo da tua fingida imparcialidade na innumeração dos males d'esta vida a vergonha de fallar dos teus? Acredita-me, não abandones ao mesmo tempo todas as tuas virtudes. Conserva ao menos a tua antiga

franqueza, e dize abertamente ao teu amigo: perdi a esperança de corromper uma mulher honrada, eis-me obrigado a ser homem de bem; quero antes morrer.

Enfastias-te de viver e dizes: a vida é um mal. Cedo ou tarde serás consolado, e então dirás: a vida é um bem. Fallarás mais verdade sem raciocinar melhor, por quanto nada senão tu estará mudado. Muda pois desde hoje, e visto que é na má disposição da tua alma que está todo o mal, emenda as tuas paixões desordenadas e não queimes a tua caza só para não ter o trabalho de a arranjar.

Padeces, dizes tu; acaso depende isso de mim? Em primeiro lugar isto é mudar o estado da questão, pois que se não tracta de saber se padeces, mas se é um mal para ti o viver. Passemos adiante, se soffres deves tractar de não soffrer. Vejamos agora se isso é motivo para morrer.

Considera por um pouco o progresso natural dos males d'alma directamente oppostos aos males do corpo, do mesmo modo que as duas substancias se acham oppostas pela sua natureza. Os males do corpo arreigam-se, peioram com a velhice, e destroem por fim esta machina mortal. Os outros, pelo contrario, como alterações externas e passageiras d'um ente immortal e simples, extinguem-se insensivelmente, e o deixam na sua forma original que nada pode alterar. A tristeza, o enfado, os pezares, o desespero são dores pouco duradouras que nunca se inveteram n'alma, e a experiencia desmente sempre o sentimento d'amargura que nos faz olhar as nossas penas como eternas.

Direi mais, não posso crêr que os vícios que nos corrompem nos sejam mais inherentes que as nossas magoas; penso que perecem com o corpo que os occasiona; mas não duvido que uma vida mais longa possa bastar para corrigir os homens, e que muitos séculos de mocidade nos não ensinem que nada ha melhor do que a virtude. Seja como for, visto que a maior parte dos nossos males physicos augmentam sem cessar, as dores violentas do corpo, quando são incuráveis, podem autorizar o homem a dispor de si, visto que todas as suas faculdades estão alienadas pela dor, e o mal sendo sem remedio, já não tem uso nem da razão nem da vontade; cessa de ser homem antes de morrer, e tirando-se a vida não faz mais do que largar um corpo que o embaraça e em que a alma já não reside.

Porém não acontece o mesmo com as dores d'alma, que, por vivas que sejam, trazem sempre consigo o remedio. Com effeito, que é o que torna um mal intolerável? É a sua duração. As operações da cirurgia são communmente mais cruéis que as molestias que ellas curam; mas a dor do mal é permanente, a da operação é passageira, e por tanto prefere-se esta. Que necessidade ha pois d'operações para dores que a sua própria duração extingue, e que só ella torna insupportaveis? É por ventura razoavel applicar remedios tão violentos a males que por si mesmos se destroem?

Para quem faz caso da constancia e só estima os annos pelo que valem, dos dois meios que ha para nos subtrairmos aos mesmos soffrimentos, qual deve ser preferido, o da morte ou o do tempo? Espera, e ficarás curado. Que mais queres? O que redobra as minhas penas é o considerar que devem acabar! Vão sophisma da dor! Bella palavra sem razão, sem justiça e talvez sem boa fé. Que absurdo motivo de desespero o esperar terminar a sua miseria! Mesmo suppondo este sentimento extravagante, quem não quereria antes azedar por um momento a dor presente pela segurança de a ver acabar, da mesma forma que escarifica uma chaga para a fazer cicatrizar? E quando a dor tivesse um encanto que nos fizesse amar o soffrimento, privar-se d'elle tirando-se a vida não é por ventura fazer no mesmo momento tudo o que se teme do futuro?

Reflecte bem, mancebo: que são dez, vinte, trinta annos para um ente immortal? A pena e o prazer desaparecem como uma sombra; a vida foge n'um momento, por si mesma nada é, o seu preço depende do seu emprego. Fica só o bem que se faz, e só por elle é alguma cousa. Não tornes a dizer que a vida é um mal para ti, pois que a podes tornar um bem; e que se é por acaso um mal ter-se vivido, é mais uma razão para que mais se viva.

Não digas tão pouco que te é permittido morrer, pois que tanto valera dizer que te é permittido revoltar-te contra o autor do teu ser e illudir o teu destino. Mas accrescentando que a tua morte não causa mal a ninguém, lembra-te que é a um amigo que ousas dizel-o. A tua morte não faz mal a ninguém! Bem entendo; morrer á nossa custa pouco te importa; nada são para ti os nossos pezares.

Não te fallo já nos direitos da amizade que desprezas; mas acaso não ha outros ainda mais caros que te obriguem a conservar-te? Se ha no mundo uma pessoa que te tivesse amado assaz para te não querer seguir, a quem a tua felicidade falte para ser feliz, persuades-te não lhe deveres nada? Os teus funestos projectos executados não perturbarão por ventura uma alma restituída a tanto custo á sua primitiva innocencia? Não temes abrir de novo n'aquelle coração terno por extremo feridas ainda mal fechadas? Não temes que a tua perda traga consigo outra mais cruel, roubando ao mundo e á virtude o seu mais precioso ornato? E se ella te sobrevive, não temes excitar no seu peito o remorso ainda mais pesado do que a mesma vida?

Ingrato amigo, amante sem delicadeza, nunca pensarás senão em ti? Jamais te lembrarás senão das tuas penas? Não és sensível á felicidade dos que te foram caros? E não saberás viver para vivificar aquella que quiz morrer contigo?

Fallás nos deveres do magistrado e do pai de familia, e só porque não és nem um nem outro, te julgas livre de tudo. E a sociedade a quem deves a tua conservação, os teus talentos, as tuas luzes? A patria a que pertences? Os desgraçados que teem necessidade de ti, não lhes deves cousa alguma? Que

exacta innumeração que fazes! Mas entre os deveres que contas não esqueces senão os de homem e de cidadão.

Onde o virtuoso patriota que recusa vender o seu sangue a um príncipe estrangeiro só porque o não deve derramar senão pelo seu paiz, e que quer agora derramal-o, por desesperação, contra as leis expressas? As leis, as leis, mancebo, acaso pode o sabio desprezal-as? Sócrates, innocente, em respeito a ellas não quiz sair da sua prisão. Tu não duvidas violal-as para largar injustamente a vida, e perguntas ainda o mal que fazes!

Queres autorizar-te com exemplos. Ousas nomear-me os Romanos! Tu e os Romanos! Quadra-te bem o pronunciar tão illustres nomes! Dize-me se Bruto morreu como amante desesperado, e se Catão se rasgou as entranhas por uma amiga? Homem pequeno e fraco, que relação ha entre ti e Catão? Mostra-me a bitola commum d'esta alma sublime e da tua. Temerario, ah! calla-te! Temo profanar seu nome com a sua apologia. A este nome augusto todo o amigo da virtude deve inclinar-se humilde, e honrar em silencio a memoria do maior dos homens.

Que mal escolhes os teus exemplos, e como ajuizas os Romanos com baixaza, se julgas que se persuadiam com direito de matar-se logo que se desgostavam da vida. Olha para os bellos tempos da republica romana, e examina se ahi vêes um só cidadão virtuoso subtrahir-se de tal modo ao peso dos deveres, ainda mesmo após os mais cruéis infortunios.

Regulo voltando a Carthago prevenio por ventura com a sua morte os tormentos que lhe estavam preparados? Quanto houvera dado Posthumio para que este recurso lhe fosse permittido nas forcas caudinas? Que esforço de coragem não admirou no consul Varrão o mesmo senado, por ter podido sobreviver ao seu desbarate? Por que razão se deixaram tantos generaes entregar voluntariamente aos inimigos, quando a ignominia lhes era tão cruel e tão pouco lhes custava a morte? É porque deviam á patria o seu sangue, a sua vida e os seus ultimos suspiros, e porque nem a vergonha nem os revezes os podiam desviar d'este dever sagrado.

Mas logo que as leis foram destruidas, e que o estado ficou sendo presa de tyrannos, os cidadãos recobraram a liberdade natural e os seus direitos sobre si mesmos. Foi licito aos Romanos o acabar quando Roma cessou de existir; tinham preenchido sobre a terra os seus deveres, já não tinham patria, tinham direito de dispor de si, e dar-se a liberdade que já não podiam dar ao paiz.

Depois de ter empregado a sua vida a servir Roma expirante e a combater pelas leis, morreram virtuosos e grandes como tinham vivido, e a sua morte foi

ainda um tributo á gloria do nome romano, afim de que se não visse em nenhum d'elles o espectaculo indigno de verdadeiros cidadãos servindo um usurpador.

Mas tu, quem és? Que fizeste? Julgas escusar-te pela tua obscuridade? A tua fraqueza isempta-te por ventura dos teus deveres? E por não teres um nome nem distincção social na tua patria, estás acaso menos submettido ás suas leis? Ousas fallar de morrer, quando deves o uso da tua vida aos teus semelhantes? Sabe que uma morte tal qual meditas é vergonhosa e clandestina. É um roubo feito ao genero humano. Antes de o largar, entrega-lhe o que elle fez por ti. Mas eu não tenho nenhum liame... Sou inutil ao mundo... Philosopho d'um dia! ignoras que não darias um passo sobre a terra sem achar n'ella algum dever a preencher, e que todo o homem é util á sociedade só porque existe?

Escuta-me, joven insensato; és-me caro, e tenho pena dos teus erros. Se te fica no fundo d'alma o menor sentimento de virtude, vem, quero ensinar-te a amar a vida. Cada vez que te vires tentado a larga-la, diz comtigo: «Toca a fazer ainda uma boa acção antes de morrer.» Depois procura algum indigente a soccorrer, algum infeliz a consolar, algum opprimido a defender. Manda-me os desgraçados que o meu ar intimida; não temas abusar nem da minha bolsa nem do meu credito; toma, esgota-me os bens, faze-me rico. Se esta consideração te retém hoje, ella te reterá ainda amanhã, depois d'amanhã e toda a tua vida. Se te não retém, morre: és um malvado.